

Playmobil de Napoleão

(verso)

Fala à CEO, sem cheiro a multidão
Mostra maquetes e promessas de cartão
Sorri a unicórnios, dá gás ao sub-emprego
Enquanto os ratos dançam... na Estação do Rêgo

(verso)

E no brunch em rooftops entre copos e scones
Ele decreta Lisboa — em versão silicone
Ignora os dados, se eles forem reais
Porque o perigo é trendy... se sair nos jornais

(pré-refrão)

Diz que ama a cidade
Mas só da varanda
Se há baratas — faz post
Se há miséria... desanda

(refrão)

É o Playmobil de Napoleão
Do controlo à emoção
Às câmaras nunca diz não
Mas esquece a população

É o Playmobil de Napoleão
Zero esforço e zero noção
Mete Wi-Fi na procissão
Mas caga na habitação

(verso)

Arquitectura hostil para o cartão e frio
Arranca tendas nos Anjos com poderio
Faz breefs urgentes para a RTP
E no minuto seguinte... já ninguém o vê

(verso)

Quando a toy-city parte, não há que fazer
O colete reflector é farda para inglês ver
A culpa não é dele, é do clima ou da nação
E nós... ficamos a pisar os legos no chão

(pré-refrão)

É moderno se for vidro
Mas chato se for gente
A alma da cidade
é um pitch decadente

(refrão)

É o Playmobil de Napoleão
Do controlo à emoção
Às câmaras nunca diz não
Mas esquece a população

É o Playmobil de Napoleão
É um CEO sem coração
Faz da crise uma atracção
E vive só de promoção

(refrão)

É o Playmobil de Napoleão
Do controlo à emoção
Às câmaras nunca diz não

Mas esquece a população

É o Playmobil de Napoleão

Zero esforço e zero noção

Mete Wi-Fi na procissão

Mas caga na habitação

(final)

Os cofres enchem, a cidade magoa

A fachada brilha — mas a base destoa

A cidade é uma festa, é um palco de papa

Mas quem limpa a toy-city... dorme na escada

A cidade é uma festa, é um palco de papa

Mas quem limpa a toy-city... dorme na escada